

ALFABETIZAÇÃO: COMO ESTÃO SENDO FORMADOS OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO?

VALDECI DE SANTANA¹

Resumo: O artigo destaca a importância que há em um educador, das séries iniciais, obter conhecimento, estrutura e base teórica que possa suprir as necessidades e questionamentos acerca das dificuldades de aprendizagem dos educandos em sala de aula. O artigo faz certa reflexão acerca de cidadãos que, pela falta de entusiasmo, segurança econômica evadiram-se da escola para trabalhar. A discussão do artigo baseia-se na questão da relevância que existe quando um educador obtém uma formação bem estruturada. Na real hipótese, verifica-se que somente poderá alfabetizar uma criança o educador que realmente está alfabetizado e letrado. Conclui-se que somente haverá uma conscientização por parte dos cidadãos de serem ativos na vida social, no que se refere à criticidade, quando houver professores conscientes de sua função na sociedade.

Palavras-Chave: Alfabetizar. Criticidade. Educador. Dificuldades de Aprendizagem

Abstract: The article highlights the importance that is an educator of the early grades, gain knowledge, structure and theoretical basis that can meet the needs and questions about the learning difficulties of students in the classroom. The article makes some reflection about citizens who, for lack of enthusiasm, economic security, escaped from school to work. The discussion of the article is based on the question of relevance is when a teacher gets a well-structured training. In the real case, it appears that only a literate child can the educator who is actually literate and educated. We conclude that there will only be an awareness on the part of citizens to be active in social life, with regard to the criticality, when teachers are aware of their role in society.

Keywords: Literacy. Criticality. Educator. Learning Disabilities

1. Professores versus qualificação

“Conhecer os dados gerais que caracterizam a educação básica do país é importante quando se tem como objetivo contribuir para a melhoria da qualidade de aprendizagem e de vida da população.” (OYAFUSO, 2004. Pg. 15).

¹ Graduado em Pedagogia pela FAI- Faculdades Adamantinenses Integradas – 2009
Pós-graduando em Alfabetização e Letramento pela Unioledo 2010 -2011– Araçatuba – SP
Professor de Educação Infantil na cidade de Rancharia – SP

A procura por métodos que possibilitem o desenvolvimento da educação no Brasil é evidente. Olhar para o futuro e ver uma sociedade – em alguns casos – desprovida da escrita e leitura não é algo absurdo. Podemos observar cidadãos que nem sequer conseguem escrever o próprio nome. É fato destacar que a procura pela profissão de educador manifesta uma apreensão pela juventude apta para o trabalho no país, não só por questões salariais, mas envolve a própria questão da responsabilidade que o Professor está tendo em sala de aula, não só de instrutor, mas também de Assistente social, babá, pai e mãe, já que a visão acerca da profissão de uns anos para cá vem sendo totalmente distorcida.

Visualizar um motivo para mudar a visão da sociedade sobre qual o papel verdadeiro do professor envolve questões políticas, culturais e, principalmente, ligadas à valorização da educação brasileira.

Em pleno século XXI, o professor deve atingir metas que avaliem em que estágio uma escola se encontra. Entretanto, não há uma valorização coerente para tal responsabilidade. A questão fica ao redor de uma ou duas provas para identificar quantas respostas certas o aluno será capaz de manifestar. Situado nesse relato, perguntamos: o professor precisa se preparar, já que basta somente dar uma provinha imposta pelo governo? Vale à pena cobrar das crianças o prazer pela leitura, se os selecionados para a Universidade – em qualquer área de atuação – sequer leem um livro por ano?

Tira-se como exemplo a prova do vestibular: será que, em média, cinquenta por cento dos cidadãos que passaram em um vestibular se lembram, de fato, da matéria que entrou na prova? Fica aí uma pergunta para os que acreditam que o processo de seleção via prova valoriza a capacidade singular do ser humano. Não estamos dizendo que a avaliação não tem sua importância dentro do contexto escolar, mas é preciso identificar qual o principal sentido da educação. É essa, que foi relatada por LUCKESI (2009, pag. 34), em seu livro “Avaliação da aprendizagem escolar”: *“A atual prática da avaliação escolar estipulou como função do ato de avaliar a classificação e não o diagnóstico, como deveria ser constitutivamente.”*

Procuram-se, constantemente, culpados para o suposto fracasso da educação brasileira. A educação é a única profissão onde raramente ouviremos dizer que a culpa é do governo, mas sim, dos professores e alunos. Diz o ditado: “A corda quebra para o lado mais fraco”. Fica evidente que a classe do professorado está cada vez mais enfraquecida. E um dos motivos é de fato, a desvalorização. Mas também existe uma que “detona” o papel do

professor: falta de conhecimento. Nessa hipótese, questionamos como estão sendo preparados os graduandos em Licenciatura. Para obtermos tal resposta precisamos questionar desde o início da educação do mesmo. Como foi a vida escolar dos professores de hoje quando eram crianças? Tiveram uma base escolar digna para exercer no futuro a profissão de educador? São simples perguntas que precisam ser respondidas de forma objetiva com propostas e não simplesmente críticas.

“– Às vezes – disse Haw – as coisas mudam e nunca mais são as mesmas. Esta parece ser uma dessas ocasiões, Hem. É a vida! a vida segue em frente, e nós também deveríamos fazer o mesmo.” (SPENCER, 2005)

A citação acima se refere ao diálogo existente entre Haw e Hem no livro de Spencer Johnson “Quem mexeu no meu queijo?” que ingenuamente pode-se relacionar e, principalmente, perguntar: A vida segue em frente. E a escola será que está ficando para trás?

2. Deve haver mediação

Já na quarta série, isso já há muito tempo, Pedrinho sempre questionou porque todos os colegas da classe diziam “fiz” enquanto ele estava falando “fisso”. Inclusive em sala de aula. Não foi fácil se desligar dessa realidade. Só conseguiu entender a diferença quando alguns colegas começaram a rir toda vez que mecanicamente pronunciava a palavra “fisso”. Riam, mas o ajudaram a pronunciar o certo.

Quadro I: Mediar é preciso

Parece não ter sentido tal comentário, mas tem relevância quando analisado minuciosamente que os próprios alunos foram mediadores para o crescimento vocabular de Pedrinho. Tudo porque, mesmo sendo simples crianças, elas obtinham conhecimento e utilizaram da mediação o papel primordial, que de primeira instância deveria ser da educadora.

Não são um ou dois alunos que passam de ano com a mesma *dificuldade de aprendizagem* e nunca foram questionados, mediados, instigados a procurar a verdade sobre tal problema. O educador, para fazer tal mediação, deve estar preparado para questionar,

indagar e no momento necessário saciar os pontos de interrogação existentes na cabeça de cada educando. São poucos os profissionais da educação que continuam buscando aperfeiçoamento para melhorar a relação com os interessados: os alunos. São poucos os educadores que se interessam por ler um livro durante o ano letivo e, mesmo assim, exigem do aluno que leiam no mínimo dois.

3. Os cursos de graduação em Licenciatura

“O professor deve professar alguma coisa. Deve saber alguma coisa a ponto de receber o diploma e a permissão do Ministério da Educação para ensinar. Os alunos, pela situação mesma e pela condição de aprendizes, geralmente não sabem ou sabem alguma parcela do que vai ser ensinado. Nada mais simples e objetivo para o aluno que perguntar ao seu professor, em sala de aula, sobre assuntos não assimilados durante a explicação.”
(WERNECK, 1992)

Nos últimos anos têm-se exigido dos educadores dos anos iniciais – ciclo de Alfabetização – que seus alunos aprendam a escrever e ler em pelo menos dois anos. Particularmente, destaco considerações próprias de que tal exigência é um absurdo, pois acabam esgotando crianças que estão passando por uma fase de transformação aonde o que deveria ser proposto e, principalmente, planejado pelos anos iniciais seriam o de se trabalhar temas entrelaçados com o lúdico.

Sabemos que o que importa para o Governo Federal têm sido os resultados obtidos pelas escolas do país, no que conhecemos como Ideb – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. A fala sempre é a mesma: “Os educadores devem sempre estar se reciclando, aprimorando”. Mas então surge a pergunta: - O que o Sistema está fazendo para suprir as dificuldades dos educadores? Não vemos quase nenhuma mobilidade para o crescimento da profissão de educador. Aos poucos estão sendo esquecidos.

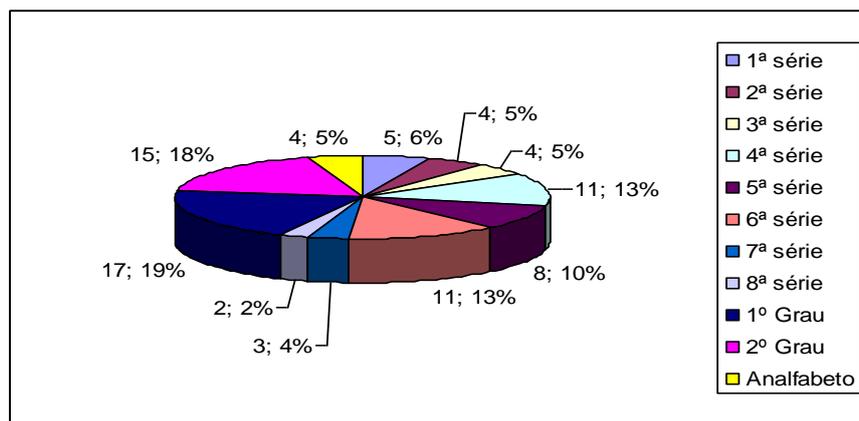
É claro que a estrutura educacional deveria começar desde a infância, mas partimos da realidade que agora precisamos adequar e formar educadores capacitados com competência e habilidades para lhe dar – além das cobranças de resultados numéricos pelo Governo – com as necessidades dos educandos. A formação deve ser para todos dos cursos de licenciatura, portanto, o que vem sendo mais cobrado nos últimos anos os graduados em Pedagogia. Muitos desses estão terminando o curso, mas não tem base nenhuma para trabalhar em sala de

aula. Falta conteúdo para Alfabetizar, suprir as interrogações existentes na cabeça das crianças.

4. A importância da Linguística no Curso de Pedagogia

O gráfico abaixo é parte de uma pesquisa acerca da elevada expansão de migrantes nordestinos e nortistas que vieram para a cidade de Rinópolis, interior do estado de São Paulo à procura de melhores condições de vida para trabalharem no corte da cana-de-açúcar. Foram realizados levantamentos bibliográficos e estatísticos que permitiram uma análise que estimulou a pesquisa de campo junto a educadores e alunos relacionados com a educação de crianças migrantes. Para tanto, foi realizado uma entrevista com professores da Escola E.M.E.I.E.F “Profº José Walther Verzola” da cidade de Rinópolis, no período entre Abril de 2008 a agosto de 2009.

Gráfico I – Situação de Escolaridade dos Pais Migrantes em Rinópolis



No gráfico se pode verificar que 19% dos pais tem formação em 1º grau; 18% 2º grau; 13% 4ª série; 13% 6ª série; 10% 5ª série; 6% 1ª série; 5% 3ª série; 5% 2ª série; 4% 7ª série; 2% 8ª série; 5%

analfabetos.

Pode-se ver no mesmo, que não há nenhuma porcentagem que destaque o ensino superior. Não há interesse pela educação por parte da população. A baixa renda familiar faz com que muitos jovens desistam dos estudos.

Através dessa análise estatística sobre a escolaridade dos pais das crianças migrantes que frequentam a escola E.M.E.I.F Profº José Walther Verzola, retiramos respostas para a situação educacional que se encontra o país. Houve melhorias nesses últimos anos, mas é preciso haver “mais comprometimento por parte dos governantes desses Estados em relação ao trabalho dos pais e a educação dos filhos” como revela a professora Mônica, que exerce a profissão na mesma escola mencionada. Na real condição que se encontra o avanço da tecnologia mundial, ficará difícil, que esses cidadãos se encaixem no mercado de trabalho que

procura cada vez mais mão de obra qualificada. Pode-se ver o processo de modernização da colheita da cana-de-açúcar, que, hoje, já possui maquinários fazendo o trabalho de quase uma centena de homens. A realidade caminha a favor daqueles que procuram o conhecimento constantemente. Nessa real questão do crescimento da tecnologia como deixar a educação em segundo ou terceiro plano? A ótica conclusiva sobre esse pensamento situa-se no futuro dessas crianças. Não se pode deixar que essas fiquem vagando sem ter uma parada, já que seus pais procuram melhorar suas condições de vida sem ao menos terem uma chance concreta de realizá-la. Quando digo, “chance concreta”, o comentário fica a favor da falta de qualificação escolar.

Talvez o leitor esteja questionando o que tem a ver a reflexão com a importância da Lingüística no Curso de Pedagogia. Não se iludam. A educação envolve muito mais do que crianças reunidas dentro de um prédio. O comentário feito acerca dos pais é referente ao descaso dos Governantes no processo educacional da população. A migração tem sido uma realidade nas cidades do interior paulista e junto vêm crianças em período escolar e, diga-se de passagem, com muitas dificuldades de aprendizagem.

Não tem como negar que grande parte dos educadores está despreparada para instruírem essa e outras tantas crianças brasileiras pela falta de conhecimento. Não basta somente gostar de crianças, mas sim ter um mínimo de estrutura no que se refere ao conhecimento de conteúdos que serão utilizados para a Alfabetização dessas crianças.

Os educadores que irão exercer a função no ciclo inicial da educação devem estar conscientes que ministrarão aulas para crianças que trazem somente o conhecimento adquirido no ambiente social. Ou seja, a sua própria cultura. Na escola, precisarão de apoio, motivação para intensificarem o vocabulário, e para isso, é preciso que haja uma pessoa capacitada que indique aos mesmos a direção a ser seguida. Não havendo tal intervenção, poderemos correr o risco de outros tantos gráficos como o que se encontra na página 4 sejam elaborados e esse não deve ser o objetivo de nenhum educador.

Segundo LEMLE, (2004) “... os professores primários evitam as classes de alfabetização. Desse modo, ninguém acaba tendo experiência longa em alfabetização.” O relato da autora tem sua veracidade e torna-se instigador quando manifesta em sua fala que: “Tenho certeza de que esse temor pode ser substituído por entusiasmo, se os professores trabalharem preparados...”. Não há como fugir dessa verdade absoluta. O educador só terá

resultados no momento que perceber a importância de obter conhecimento, estrutura para exercer a função.

5. O educador x sociedade

“Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro.” (FREIRE, 2001)

Tornou-se necessário, verificada as transições em que o país se encontrava no que se refere a industrialização que motivou o êxodo rural. O avanço tecnológico, a própria questão da globalização exigia cada vez mais a formação de cidadãos com capacidade crítica e reflexiva de suas ações diante das situações do dia a dia. Tal realidade não tem sua ideia baseada no passado, mas sim no presente. E essa relação possibilita a formação de uma “sociedade aberta” para o mundo em que vive. A democracia tem sua ligação com as mudanças e, assim, as mudanças exigem do homem uma visão democrática. Fica clara a responsabilidade do homem brasileiro de criar um hábito da criticidade social e política. Diante dessa questão o educador Paulo Freire, (2001) afirma: “*Quanto mais crítico um grupo humano, tanto mais democrático e permeável, em regra.*”

Para que tal criticidade torne-se verídica, o professor deve estar presente condicionando e, principalmente, apresentando possibilidades para o aluno. Nada disso terá procedência se o educador não buscar novas formas de atuar. Nada disso será concretizado se ficarmos parado achando que as respostas para os questionamentos dos alunos cairão do céu. Para Alfabetizar é preciso estar alfabetizado e Letrado.

Referências Bibliográficas.

FREIRE, Paulo. Educação como prática de liberdade. 25ª Ed. - Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

JOHNSON, Spencer. Quem mexeu no meu Queijo?. 46º ed. – Rio de Janeiro: Record, 2005.

LEMLE, Miriam. Guia teórico do alfabetizador. 16º ed. – São Paulo: Ática, 2004.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. – 20. ed. – São Paulo : Cortez, 2009.

OYAFUSO, Akiko;MAIA,Eny.Plano escolar: caminho para autonomia.4^a Ed. – São Paulo: Biruta, 2004.

SANTANA, Valdeci de. A ótica do migrante e a ótica do professor: discussões sobre as relações em sala de aula com alunos e professores e o futuro das crianças sujeitas a migração na atualidade. – Artigo Científico apresentado no CICFAI-2009

WERNECK, Hamilton. Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo. –Petrópolis, Rj: Vozes, 1992.